

A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA SOBRE O CORPO NA REVISTA VEJA

Célia A. Rocha

Doutoranda em Educação – UFMG
Bolsista da CAPES – PIQDTEC

RESUMO

Pretendemos analisar a divulgação do conhecimento científico sobre o corpo publicado pela Revista Veja. Esta reflexão parte da compreensão de que este conhecimento científico auxilia na formação do imaginário popular, sobre a ciência e a corporeidade, através da produção de representações e práticas sociais criadas pela veiculação de idéias e teorias sobre a potencialidade da atuação da ciência sobre o corpo. Identificaremos tanto a divulgação da ciência por meio dos corpos, quanto o modo como ocorre a educação científica destes corpos através da mídia impressa.

ABSTRACT

We intend to analyze the dissemination of the scientific knowledge about the human body published in *Veja* magazine. This reflection comes from the understanding that this scientific knowledge helps the formation of the popular imaginary in relation to science and corporeity, through the production of representations and social practices created by the dissemination of ideas and theories concerning the science potential of performance on human bodies. We will identify not only the disclosure of science by means of human bodies but also the way in which the scientific education of these bodies take place in the printed media.

RESUMEN

Pretendemos analizar la divulgación del conocimiento científico sobre el cuerpo en la Revista *Veja*. Esta reflexión parte de la comprensión de que este conocimiento científico ayuda a formar el imaginario popular, sobre la ciencia y la corporeidad, a través de la producción de representaciones y prácticas sociales creadas por la divulgación de ideas y teorías sobre la potencialidad de la actuación de la ciencia sobre el cuerpo. Identificaremos tanto la divulgación de la ciencia por medio de los cuerpos, como el modo en que ocurre la educación científica de estos cuerpos a través de la prensa escrita.

1. INTRODUÇÃO

A análise do corpo pela perspectiva da divulgação científica tem como pressuposto a categoria corpo-objeto, como instrumental múltiplo de inscrição tecnológica e científica e também a compreensão do corpo como uma construção histórica e cultural, sobre a qual, articulam-se diferentes discursos e saberes científicos e tecnológicos. Para pensar este panorama escolhemos analisar o discurso científico, sobre o corpo, construído pela Revista *Veja*. Entendemos que mesmo não sendo considerada uma revista especificamente de divulgação científica, a Revista *Veja* ajuda no processo de criação de uma mentalidade científica e de popularização da ciência em relação ao corpo humano. A partir desta afirmação é importante o esclarecimento de que este trabalho não toma a Revista *Veja* como objeto de estudo, é preciso reafirmar que nossa busca é demonstrar como o corpo é representado a partir da apropriação do discurso da ciência e refletir sobre práticas,

aplicação de teorias, medicamentos e procedimentos com vistas a mudanças comportamentais ou estéticas.

Compreendemos a Revista Veja como veículo midiático que se constitui em uma enorme potencialidade de divulgar a ciência. Esta revista encontra-se em uma dimensão mais encarnada e impregnada de divulgar a ciência, o que é feito pelas infinitas modificações/transformações e intervenções nos corpos. Entendemos que, por ser uma revista de grande circulação nacional e de grande acesso à população, constitui-se em um veículo de comunicação que interfere na visão de mundo das pessoas, ajudando-as a formar conceitos, que estruturam percepções, comportamentos e compreensões. Além de divulgar a ciência, esta revista pode ser vista também como uma potente forma de ‘educar’ e/ou conformar os corpos na sociedade. Por ser uma das revistas mais vendidas no país, é possível supor que ela é um poderoso veículo de comunicação de massa, que mantém um forte vínculo com a realidade, portanto, com o enraizamento e circulação de idéias. Um panorama que leva à reflexão do poder que os veículos midiáticos têm de produzir representações e práticas sociais. Portanto, torna-se significativo apreender nesta realidade, a articulação entre ciência e sociedade, especificamente na dimensão discursiva de um veículo de comunicação tão influente quanto a Revista Veja.

2. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Na tentativa de compreendermos a apropriação e divulgação do conhecimento científico sobre o corpo, na Revista Veja, procuramos entender como se deu a distribuição temática deste objeto nesta revista, no período entre 2000 a 2006. Analisamos 312 publicações neste período, onde 61 delas trataram do conhecimento científico sobre o corpo, cuja seleção foi realizada pelas capas e pelas suas respectivas manchetes. Totalizando 19,48% das publicações do período, quase três vezes mais do que o total divulgado nas décadas anteriores. Diante deste contexto, buscamos refletir sobre a autoridade da ciência sobre corpo, sob o ponto de vista de um veículo midiático e percebemos que o discurso realiza-se exclusivamente pela via biológica e médica. Configurado na perspectiva do “cuidado com o corpo”, o discurso divulga avanços da ciência e a partir desta divulgação contribui para a criação de padrões e comportamentos estereotipados e idealizados sobre a existência corporal. Fizemos um mapeamento e dividimos este discurso através da distribuição temática, da seguinte forma:

Conhecimento científico sobre o corpo Na RV, no período de 2000 – 2006	Percentual
Dimensão Estética	21,31%
Dimensão Preventiva	19,67%
Dimensão da Performance	31,14%
Dimensão de Conteúdo Diverso ¹	27,86%

Tabela 1

As dimensões descritas na tabela 1 explicitam as intenções de modelar, construir, reconstruir, aperfeiçoar e de controlar os corpos. Vários são os conhecimentos da ciência colocados ao alcance destes objetivos, sempre de forma imperativa e inquestionável. Na análise das capas consideramos o jogo discursivo construído entre texto escrito e texto imagético, como partes de um todo, que para além da poesia estética, revelaram também o

¹ Esta expressão foi usada para identificar todo o conhecimento científico sobre o corpo, divulgado pela Revista Veja e que não está diretamente ligado à dimensão estética, preventiva e da performance.

imperativo da mensagem científica. Através deste estilo imperativo as dimensões acima são enfocadas numa demonstração de que a revista se apropriou da concepção do corpo enquanto máquina, cuja “solução” só é possível pela crença no “verdadeiro” discurso da ciência. Este discurso pode ser traduzido muitas vezes pela divulgação das diversas maneiras de se cuidar do corpo.

Neste sentido, o discurso sobre o cuidado com o corpo é sempre colocado sob o ponto de vista da biologia e da medicina, fundamentado, na maioria das vezes, pelo discurso médico e do cientista. Muitas vezes estes profissionais são confundidos nos discursos das capas, sendo colocados como um único e mesmo profissional. Tudo isso é construído no espaço das capas das revistas, que de modo geral são montagens muito criativas, belas, cuja tentativa é induzir uma mensagem proposta. Busca-se pelas imagens falar o que não pode ser dito, num misto de imaginação e realismo, com vistas ao convencimento daquilo que a revista se propõe a divulgar. Ao subdividirmos o discurso do cuidado com o corpo em dimensão estética, preventiva, da performance e de conteúdo diverso, identificamos respectivamente alguns paradigmas legitimados por tais dimensões e contemplados na análise abaixo.

2.1 Dimensão estética

Na dimensão estética identificamos um paradigma legitimado pelo discurso de que *‘ser “belo” é estar de acordo com um padrão científico de normalidade, assim, ser normal significa não ser obeso, ter músculos definidos, conquistar a beleza, manter a juventude’*. Os assuntos tratados nas manchetes e nas imagens das revistas desta dimensão tratam da aparência jovem, das cirurgias plásticas, da obesidade, das dietas e da forma corporal. Em todas as capas, o conhecimento da ciência é posto como aquele que resolverá diversos problemas em relação à aparência física, conforme descrito abaixo:

Dimensão estética	<ul style="list-style-type: none"> • O que a medicina e a fisiologia do exercício podem fazer. • Divulgação dos progressos da medicina através das cirurgias plásticas. • Divulgação das novas armas da medicina em favor da beleza e da juventude. • Uma versão científica sobre a obesidade. • Novidades da medicina sobre a obesidade. • Explicações genéticas na construção do corpo. • Conhecimentos científicos para desenhar o corpo. • A receita científica da boa forma.
--------------------------	---

Tabela 2

Nesta tabela mostra-se claramente a tentativa de popularização do conhecimento científico, via convencimento de que a ciência pode reconstruir a aparência de uma pessoa, ou seja, pode ‘consertar’ diversos ‘defeitos’ naturais. E como a forma corporal passa a ser necessária para alcançar uma qualidade que todos devem ter. A ciência legitima assim, o caminho da beleza artificial e da forma corporal como busca da felicidade.

As imagens contribuem para a construção deste imaginário, uma vez que os corpos divulgados estão sempre em construção e sempre prontos para serem desvelados pela ciência. A ciência é posta como o conhecimento capaz de, metricamente, construir os corpos e proporcionar a felicidade, que não está mais no ser corpo, mas no ter um corpo conforme a nova ordem estética. Isto é confirmado pela observação das diversas cenas estereotipadas dos corpos em forma, conseguidos através de procedimentos rigorosamente

pesquisados pelos especialistas. Este modelo é colocado como parte de uma nova ordem estética na qual todos devem se inserir. Principalmente as mulheres, visto que, apenas uma capa desta dimensão não contém a imagem da mulher. Os corpos das mulheres são sempre mostrados semi-nus ou nus, com corpo modelado, magro e sempre jovem. Confirmando um estereótipo de corpo que toda mulher deve conseguir.

A ciência proporciona então, a produção do corpo, cujas imagens nos transportam para o imaginário de que tudo é descartável e aquilo que não agrada pode ser desenhado conforme padrões pré-estabelecidos. É neste sentido que dissemos que este saber científico, na dimensão estética, serve como uma forma de conformar os corpos na sociedade, enquadrá-los em um padrão de normalidade dominado pela ciência, ou pelo discurso midiático, que se apropria do discurso científico, veiculado nas revistas. Enfim, nesta dimensão percebe-se que o conhecimento da ciência e a aplicação de tecnologias tornaram-se fundamentais na construção estética contemporânea.

2.2 Dimensão preventiva

Na dimensão preventiva identificamos um paradigma que legitima que *‘a saúde pode ser “moldada” pela ciência, através de métodos prescritos, onde a busca é vencer o envelhecimento através da paralisação de qualquer avanço orgânico maléfico sobre o corpo, o mapeamento e diagnóstico de doenças’*. A ordem que impera nesta dimensão versa sobre diagnóstico e prevenção de doenças cardíacas, câncer, maus hábitos da vida moderna (*stress*, obesidade, sedentarismo e cigarro), dor de cabeça, diabetes, alimentação. O conhecimento da ciência e a aplicação das novas tecnologias são assim traduzidos:

Dimensão preventiva	<ul style="list-style-type: none"> • Descobertas científicas sobre os males do envelhecimento. • Descobertas científicas sobre os maus hábitos de vida. • O diagnóstico preventivo pelos novos exames. • Prevenção através de mapeamento genético. • Novos tratamentos.
----------------------------	--

Tabela 3

O discurso científico nesta dimensão é divulgado de forma a criar um imaginário muito forte de que a ciência possui a capacidade de controlar todas as instâncias que envolvem o fenômeno da saúde – vista apenas pela perspectiva biológica. Desta forma, é dado para o conhecimento científico um tom sempre revolucionário e vitorioso, legitimando-o a ditar as regras a serem seguidas para a saúde do indivíduo. Exalta-se a saúde do indivíduo, de modo que ele assuma a responsabilidade para a sua manutenção. A aplicação dos avanços preventivos da ciência por parte do indivíduo passa a ser fundamental. Neste sentido, não há uma abordagem da saúde sob o ponto de vista social, mas apenas biológico. Assim também, o conhecimento científico divulgado, em relação a este contexto, fica apenas por conta das pesquisas médicas, sem menção a outro ramo do conhecimento científico que aborde o fenômeno sob diferentes pontos de vista.

As imagens reforçam a concepção do corpo enquanto máquina, ao compará-lo com um computador, cujas peças podem ser trocadas, ao compará-lo com uma bomba relógio ou com uma panela de pressão prontos a explodir. Os corpos que aparecem são sempre bem torneados e modelados de forma a indicar que ser saudável é também ser belo.

O mapeamento genético é visto como forma de prevenir doenças, mas pode ser criado através desta visão, o imaginário que pessoas predispostas geneticamente a determinadas doenças são melhores ou piores do que outras. Isto pode originar inúmeras transformações sociais decorrentes desta concepção. A imagem da ciência criada pela

construção discursiva na Revista Veja, nesta dimensão, revoluciona, alerta, vence sempre todos os males do corpo humano.

2.3 Dimensão da performance

A dimensão da performance legitima um paradigma baseado na concepção de que *‘a ciência pode alcançar ou vencer os “limites” do corpo humano, alcançando a perfeição do corpo ou da ação, moldando o desempenho dos movimentos, calculando processos, movimentos e diagnosticando potencialidades’*.

Os conteúdos divulgados nas capas das revistas tratam da performance relacionada ao sexo, à sexualidade, ao esporte, ao exercício físico, ao desenvolvimento intelectual, à longevidade, a aspectos da personalidade que influenciam a ação e aos maus hábitos de vida. Tudo isto é posto na tentativa de explicar diferenças entre homens e mulheres, movimentos e corpos atléticos, maturidade feminina, inteligência, atuação sexual, atração sexual, qualidade de vida, traços negativos da personalidade, poder da mente, inteligência e problemas sexuais femininos. Os conhecimentos científicos divulgados visam aperfeiçoar estas performances através:

Dimensão da performance	<ul style="list-style-type: none"> • Da codificação do desejo. • Do alcance da perfeição dos movimentos e do comportamento. • Da modelagem do desempenho e do corpo. • Do cálculo de processos e movimentos. • Do diagnóstico de potencialidades.
--------------------------------	--

Tabela 4

O corpo é, neste contexto, um objeto da ciência, um espaço para aplicar tecnologias e testar resultados. Os corpos dos atletas servem a este propósito e são tomados como exemplos perfeitos de performance e estado corporal. Toma-se então, o desempenho atlético como algo totalmente perfeito. Mais uma vez, busca-se a perfeição como paradigma. Mas o que é esta perfeição? Por um lado é perfeição estética, por outro é o desempenho máximo e otimizado de cada órgão e sistema do corpo humano. Aliado a isto, busca-se uma associação desta perfeição com o bem-estar pessoal.

Todos os corpos são os exemplos do que a ciência pode fazer ou construir. As imagens são montadas com corpos modelados, jovens, ou aparentemente jovens, atléticos, em suma, a imagem daquilo que representaria a performance máxima, ideal e perfeita. Por um lado trata-se o corpo como se fosse uma máquina motora que deve ser aperfeiçoada. Por outro, o corpo é comparado com o computador, em termos de capacidade de desempenho intelectual, que vem se otimizando devido à vivência de uma série de fatores da vida contemporânea.

Em outra perspectiva performática há uma grande preocupação com os problemas sexuais, principalmente femininos. O conhecimento científico sempre é colocado como aquele que desvendou estes problemas e possui as chaves desta realidade. Nesta parte, quando a questão é sexo ou sexualidade, a figura feminina é bastante explorada nas representações, através de corpos semi-nus e insinuantes. Quando a questão não é performance sexual, o homem ocupa a cena. É o que acontece quando se fala de inteligência e ou outros assuntos, como a insônia. Neste momento, o foco passa a ser imagens estereotipadas daquilo que se deseja representar.

2.4 Dimensão Conteúdo Diverso

Por último, esta dimensão legitima um paradigma baseado no discurso de que *‘a ciência é o saber que desvenda passo a passo todos os enigmas do corpo humano’*. Assim, esta dimensão divulga matérias sobre remédios, medicina alternativa, funções de órgãos e sistemas, doenças, dor, genética e infertilidade. Os conhecimentos científicos divulgados visam descrever procedimentos através:

Dimensão de Conteúdo Diversificado	<ul style="list-style-type: none"> • Da manipulação genética. • Da elucidação e inovação sobre o funcionamento e composição do corpo humano. • Da revolução em termos de tratamento e cura de diversas doenças.
---	--

Tabela 6

Apesar da ciência operar através de procedimentos racionais, nesta revista ela é colocada como milagrosa, um conhecimento tão extraordinário que nem parece real. Enfatiza-se sempre que ela promove revoluções na forma de pensar e agir em relação às doenças, dor, tratamentos, medicamentos, infertilidade, células-tronco, genética. O tom de novidade é sempre muito expressivo, denotando que a ciência não estaciona, está em constante movimento e atuação em relação ao corpo humano.

Há nesta dimensão, a tentativa de popularização e celebração dos conhecimentos científicos relativos à engenharia genética. A construção de um novo ser humano é divulgada com extrema naturalidade, da mesma forma que se divulga qualquer outro objeto científico. A divulgação da clonagem é feita apenas na perspectiva positiva, ressaltando o controle da ciência sobre a vida e sua manipulação.

Nesta dimensão, poucas são as capas que não trazem o corpo representado. As capas que não têm o corpo trazem figuras de algum objeto que seja usado no seu tratamento, extremamente inserido na área médica. Esta dimensão cria representações de que a ciência, por mais difícil e inacreditável que seja, caminha a passos largos para o completo conhecimento do corpo. Não apenas um conhecimento que atua no tratamento e na cura de doenças, mas vai além, ultrapassando as barreiras da criação ou do acaso – clones, escolha do sexo da criança, dentre outras ações. A ciência é representada como o conhecimento que tem o controle dos processos da saúde. Às vezes, alerta a população dos riscos, mas quase sempre proporciona soluções para alcançar uma saúde perfeita.

3. A DIVULGAÇÃO DA CIÊNCIA PELA REVISTA VEJA

Sabemos que a Revista Veja não é uma revista especializada em divulgar a ciência, mas conforme nos diz Fahnestock², houve nos últimos 15 anos, uma grande explosão da popularização da ciência. Não podemos negar que esta revista ocupa-se de conteúdos científicos extremamente importantes. O grande problema é que também de certa forma justifica nossa escolha, está no tratamento da temática. Esta revista se apóia em referências científicas legitimando não só o conhecimento científico, mas também sua abordagem de questões complexas, como as de gênero, sexo e raça. O discurso celebrativo da ciência reforça a crença que a ciência é a única instância da sociedade que detém a verdade acerca do conhecimento. Numa trama que envolve imagens e palavras, o corpo muitas vezes é figura central, onde texto escrito e imagético fundem-se em uma perfeita harmonia no jogo do convencimento.

Esta trama envolve as palavras, o conteúdo, as imagens e a intenção usados na enunciação. Assim, a Revista Veja, ao divulgar o conhecimento científico sobre o corpo,

² MASSARANI, 2002, p. 78.

divulga também representações que vão além do conteúdo específico da ciência a ser divulgado. Estamos falando de questões relativas a gênero, sexo, sexualidade, racismo, auto-estima etc. Entendemos que estes aspectos são legitimados pelo conhecimento da ciência, mas, no entanto, não são discutidos ou problematizados por esta revista. Por exemplo, ao divulgar o conhecimento científico sobre o corpo, esta revista usa, em sua maioria, imagens do corpo. No entanto, são sempre imagens belas e perfeitas. No período investigado, em nenhuma das capas apareceu o corpo negro, como também é minoria as capas categorizadas na dimensão estética, onde aparece a imagem masculina, como corpo a ser construído. Então, mais do que conhecimento, ela divulga também padrões de comportamento, representações sobre o modo de se “ter” um corpo, além de reforçar imagens estereotipadas sobre aspectos extremamente polêmicos na sociedade – cor da pele, tipo de cabelo, formato do corpo, feminino ou masculino, clonagem, células-tronco etc.

Desta forma, na tentativa de popularizar conhecimentos relativos a estes conteúdos, cai na superficialidade, pois não problematiza os problemas reais da sociedade criados pela ciência. Aliás, ao divulgar padrões ideais de corpos, a revista cria outros problemas. Isto nos leva a acreditar que as forças mercadológicas assumem aqui, relevância fundamental naquilo que se divulga.

Há em alguns poucos momentos, sinais de alerta em relação à utilização de determinado produto ou método, mas sempre, mesmo nestes momentos, sobressai sempre o tom positivo da ciência. Assim, entendemos que o discurso do conhecimento científico, apropriado pela revista, legitima determinados paradigmas complexos na sociedade. Então, há uma divulgação dos avanços e progressos da ciência, mas não há uma problematização da complexidade gerada a partir deste conhecimento. Além disso, o conhecimento científico sobre o corpo é divulgado a partir de representações e práticas estereotipadas, idealizadas. O problema passa a ser não só o que se divulga, mas principalmente e sobretudo o modo como se divulga e o que se produz a partir daí.

Fahnestock nos diz que algumas adaptações de textos científicos podem “(...) em vez de simplesmente relatar fatos para uma audiência diferente, as adaptações científicas são esmagadoramente epidíticas; seu objetivo principal é celebrar e não validar”.³ As manchetes da Revista Veja confirmam esta informação, pois usam expressões como ‘revolução’, ‘vitória’, ‘médicos e psicólogos encontram o caminho certo’, ‘a ciência descobre’, ‘a medicina ajuda’, ‘começou’, ‘a ciência desvenda’, ‘alerta’, ‘a ciência faz milagres’. A divulgação do conhecimento científico, sobre o corpo, pela Revista Veja, é feita com base em argumentos teleológicos, ou seja, “um argumento teleológico afirma que alguma coisa tem valor porque leva a benefícios posteriores”⁴. Assim, a Revista Veja visa descrever as glórias da ciência, tentando fazer com que as pessoas sintam que podem usufruir destas glórias, por mais complicadas que sejam.

As capas têm também uma forte conotação de convencimento, para isto, a revista traz termos bastante significativos: ‘a verdade’ sobre determinado fato, ‘as novas armas’ no tratamento de determinada doença, ‘o novo mapa’ de determinado órgão ou função, ‘estava tudo errado’, ‘novos exames’, ‘receitas da ciência’, ‘o maior estudo já feito’, ‘novos remédios’, ‘a ciência explica, descobre, garante, ensina, reconhece, desvenda’. Neste sentido, a revista materializa, nas imagens das capas, aquilo que divulga. Os corpos representados nas imagens sentem a dor, prenunciam a morte, vivem a doença, demonstram a beleza, sentem o prazer, tornam-se alma e mente, multiplicam-se etc. Todos os fenômenos são colocados como se fossem o princípio ou a versão recente e verdadeira da solução de grandes problemas da humanidade, ligados a biologia e à medicina. Insinua, portanto, que o leitor vai levar vantagens ao ler determinado assunto anunciado.

³ Cf. MASSARANI, 2002, p. 80.

⁴ Cf. MASSARANI, 2002, p. 81.

As manchetes das revistas são construídas de forma sensacionalista acerca das descobertas, avanços e progressos da ciência. Efetua, através de poucas palavras, mensagens sobre aquilo que mais chama a atenção e usa metáforas sobre o conhecimento enunciado, as imagens ajudam na produção extraordinária, inédita e inacreditável da ciência. Por mais amplo e complexo que seja determinado conteúdo, as capas cumprem um papel de direcionar a informação para a vida prática da maioria das pessoas, ou seja, para o benefício que as pessoas podem obter sobre aquilo que se divulga. Divulga-se, portanto, o conteúdo prático para o leitor, o benefícios ou malefícios de determinado conhecimento posto em prática. Isto nos levou ao entendimento de que há uma generalização e uma simplificação do conhecimento científico, na busca de conquistar o leitor ou mesmo de fazer com que um público bastante amplo entenda do que se está falando. As capas ajudam nesta construção, ao exporem imagens confiantes da ciência. Mas sua lógica construtiva exagerada, simplificada e superficial pode ser um indício para distorções ou deformações do conteúdo original do conhecimento científico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que a forma e o que é divulgado sobre conhecimento científico sobre o corpo ajudam na formação do imaginário popular sobre ciência e sobre a corporeidade. Principalmente se estas informações são passadas como histórias de sucesso, com poucos riscos e alertas, sem nenhuma discussão bioética a respeito. Fica parecendo que as questões éticas são ‘coisas’ para serem discutidas por filósofos ou cientistas políticos, não são ‘coisas’ para aqueles que estão nos laboratórios ou em outro locais ‘produzindo’ ciência e muito menos para os jornalistas que divulgam a ciência. No entanto, estas divulgações feitas pela mídia, produzem representações e práticas sociais criadas pelo enraizamento e circulação de idéias e teorias sobre a potencialidade da ciência.

Acreditamos que este trabalho nos ajuda a refletir sobre afirmações como esta, a partir do momento que problematiza a popularização de um conhecimento que mais atinge as pessoas, o conhecimento do corpo humano. Pois, os avanços biotecnológicos da ciência nos forçam a repensar a subjetividade, o corpo, a sexualidade, a mente, a clonagem, a questão de gênero etc. Novos discursos são criados em torno do humano e somos forçados a repensar a nossa própria ontologia. O desenvolvimento técnico-científico cria novos paradigmas que possibilitam a remodelação obsessiva dos corpos (cirurgia plástica, remédios, exercícios físicos, recordes humanos), a crença absoluta na verdade científica que percebe o corpo como um objeto a ser desvendado. Entendemos que a Revista Veja, ao divulgar o conhecimento científico sobre o corpo, contribui para a construção do imaginário de que o corpo é um produto da ciência.

Este estudo não possibilitou indícios suficientes para responder se este discurso midiático do conhecimento científico sobre o corpo é parte de um novo projeto higiênico ou eugênico de sociedade. Podemos inferir apenas que este discurso contribui para a formação de crenças, estereótipos, idealizações sobre a construção de corpos perfeitos. Pois, através da configuração de novos paradigmas, esta realidade discursiva e biotecnológica reconfigura o corpo, estabelece novas relações sociais, cria e modifica a vida, pode originar a criação de biosociedades. Pode, enfim, resolver vários problemas do homem, como pode também ameaçar o futuro da humanidade enquanto espécie. É neste horizonte que se configuram novas relações entre saber e poder, originando novas formas de reconfiguração dos corpos, segundo novas biopolíticas aplicadas à população, atuantes no controle, sujeição, criação e modificação da vida.

REFERÊNCIAS

- BACZKO, B. *A imaginação social*. In: Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985. p. 283-347.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1982.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- _____. *O mundo como representação*. Estudos Avançados – USP, 1991. v. 5. nº. 11, jan./abr./, p. 173- 191.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações. 1972-1990*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- FALCON, Francisco. *História Cultural – Uma nova visão sobre a sociedade e a cultura*. Rio de Janeiro, Editora Campus, 2002.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. *O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV*. Educ. Pesqui. [on line]. 2002, vol. 28, nº 1, pp. 151-162. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. Tradução: Maria Ermantina Glavão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- _____. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. 20 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- _____. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Tradução: Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.: 1997.
- _____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Lígia M. Pondé Vassalo. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GIACOIA O., *Hans Jonas: o princípio responsabilidade*. In: Oliveira M. A. de, (Org), *Correntes fundamentais da Ética Contemporânea*, 2ª edição, Petrópolis: Vozes, 2001, p. 194.
- HARDT, Michel; NEGRI, Antônio. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- LATOUR, Bruno. *A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Tradução: Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 2003.
- MASSARANI, Luisa et al (org.). *Terra Incógnita: a interface entre ciência e público*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent: UFRJ, Casa da Ciência: FOCRUZ, 2005.
- MASSARANI, Luisa & MOREIRA, Ildeu de Castro. “Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil”. In: *Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Cultura, 2002. p. 43-71.
- NOVAES, Adauto (org.). *O homem máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de. “Imaginário Científico e História da Educação”. In: VEIGA, C. & FONSECA, T.: *História e historiografia da educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Ética e técnica*. In: SALLES, João Carlos (org.). *Plenárias da ANPOF*. Quarteto editora. 2004/2006.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.
- PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. 2ª edição. Campinas, SP: Pontes, 1997.

RABINOW, Paul. *Antropologia da razão* – ensaios de Paul Rabinow. Rio de Janeiro: relume Dumará, 2002.

REVISTA VEJA de 1968 – 2006.

SOARES, Carmen. *Educação Física: raízes européias e Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2001.

Endereço para correspondência:

Célia A. Rocha

Rua Conceição do Mato Dentro, nº 250, apartamento – 1104/B.

Bairro Ouro Preto, Belo Horizonte-MG.

Endereço eletrônico:

celiarocha@ufmg.br

celiarocha@educ.dout.ufmg.br